



Universidade de Brasília (UnB)  
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas  
(FACE)  
Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais (CCA)  
Bacharelado em Ciências Contábeis

DIEGO MAGALHÃES FONSECA

Influência da Era Digital na Educação Financeira do Brasil

Brasília, DF  
2022

DIEGO MAGALHÃES FONSECA

Influência da Era Digital na Educação Financeira do Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia ou Artigo) apresentado ao Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de Brasília como requisito parcial de obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis, sob a orientação da Prof. Ludmila de Melo de Souza

Prof. Responsável: Ludmila de Melo de Souza

Área: **Educação Financeira**

Brasília, DF  
2022

Professora Doutora Márcia Abrahão Moura  
**Reitora da Universidade de Brasília**

Professor Doutor Enrique Huelva Unternbäumen  
**Vice-Reitor da Universidade de Brasília**

Professor Doutor Diêgo Madureira de Oliveira  
**Decano de Ensino de Graduação**

Professor Doutor José Márcio Carvalho  
**Diretor da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas  
Públicas**

Professor Doutor Sérgio Ricardo Miranda Nazaré  
**Chefe do Departamento de Ciências Contábeis e Atuarias**

Professor Doutora Fernanda Fernandes Rodrigues  
**Coordenador de Graduação do curso de Ciências Contábeis - Diurno**

Professor Mestre Wagner Rodrigues dos Santos  
**Coordenador de Graduação do curso de Ciências Contábeis - Noturno**

**Nome do Aluno**  
Diego Magalhães Fonseca

DIEGO MAGALHÃES FONSECA

INFLUÊNCIA DA ERA DIGITAL NA EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de Brasília como requisito parcial de obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

---

Profa. Ludmila de Melo de Souza  
Orientadora  
Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais  
Universidade Brasília (UnB)

---

Prof. Alex Laquis Resende  
Examinador  
Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais  
Universidade de Brasília (UnB)

BRASÍLIA  
2022

## **AGRADECIMENTOS**

Deixo os meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram, durante todo o meu processo, para que fosse possível a realização deste trabalho. Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pois se não fosse seu amor e sua misericórdia com certeza eu não estaria aqui; gostaria de agradecer a minha esposa, por todo apoio e incentivo, sem ela nada disso também seria possível; gostaria de agradecer a minha família, que me deu toda a base para que eu me tornasse o homem que sou hoje. Gostaria, também, de agradecer a minha Orientadora, Ludmila Melo de Souza, que topou o desafio e me ajudou bastante nessa etapa da minha graduação, mesmo em momentos difíceis; obrigado, professora. E, por fim, agradecer a todos os outros professores do curso, meus colegas de graduação, todos foram importantes e fazem parte da minha história como aluno da UnB.

## RESUMO

O presente trabalho teve o objetivo de verificar se a educação financeira promovida pelas mídias sociais, advindas da era da informação, estão de fato contribuindo de maneira significativa para educação financeira no Brasil. Foi feito uma breve recapitulação dos motivos que fazem com que o Brasil esteja em posições distantes de países desenvolvidos em rankings que medem o nível de educação financeira dos países, evidenciando questões político-econômicas do passado e como o tema educação financeira é tratado aqui pelas autoridades da educação. Foram suscitadas, também, questões sobre o aprendizado das crianças, e os impactos desse aprendizado na sua fase adulta. Para identificar se os conteúdos promovidos pela era da informação estavam de fato auxiliando nas tomadas de decisão financeiras dos brasileiros, foi elaborado questionário, contendo perguntas referentes a conceitos básicos de finanças. Após análise dos resultados e tudo que envolve educação financeira no Brasil, foi possível concluir que, por mais que já haja iniciativas para mitigar o problema e que, devido à modernidade e aos avanços tecnológicos, temos hoje acesso instantâneo a qualquer tipo de informação, a educação financeira vai além, sendo, assim, necessária a inclusão da mesma no currículo escolar, e sendo ministrada desde a infância até o ensino médio.

**Palavras-chaves:** Educação Financeira; Era Digital.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Perguntas da pesquisa	13
<b>Gráfico 1</b> - Inflação antes do Plano Real	14
<b>Gráfico 2</b> - Inflação anual	15
<b>Gráfico 3</b> - Bancarização brasileira	16
<b>Gráfico 4</b> - Oferta de Crédito	17
<b>Gráfico 5</b> - Inadimplência e Endividamento	18
<b>Gráfico 6</b> - Sexo	25
<b>Gráfico 7</b> - Faixa Etária	25
<b>Gráfico 8</b> - Renda Mensal	26
<b>Gráfico 9</b> - Modelo de Emprego	26
<b>Gráfico 10</b> - Fonte dos Conhecimentos Financeiros	27
<b>Gráfico 11</b> - Nível de Segurança sobre Finanças	28
<b>Gráfico 12</b> - Período de Recebimento da Renda	28
<b>Gráfico 13</b> - Ferramentas de Controle Financeiro	30
<b>Gráfico 14</b> - Alocação de Investimento	31
<b>Gráfico 15</b> - Renda Variável x Renda Fixa	31
<b>Gráfico 16</b> - Golpes Financeiros	32
<b>Gráfico 17</b> - Investimento (Tempo x Aportes)	32
<b>Gráfico 18</b> - Acúmulo de Juros de Cartão de Crédito	33
<b>Gráfico 19</b> - Poupança Necessária para Custear um Objetivo	33

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	2
3 PROCEDER METODOLÓGICO .....	15
4 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÃO .....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	24
Limitações e contribuições para futuros estudos? A informação digital ajuda ou não? ...	<b>Error!</b>
<b>Bookmark not defined.</b>	
REFERÊNCIAS .....	25

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo verificar se a educação financeira promovida pelas mídias sociais, advindas da era da informação, estão de fato contribuindo de maneira significativa para educação financeira no Brasil. Ao observar o histórico do País e, até mesmo, os dados atuais, percebe-se, evidentemente, um lapso na educação com relação às finanças. A educação financeira de fato não é obrigatória no currículo escolar brasileiro, o que contribui para a defasagem sobre o assunto no país. O Brasil ocupa a 74ª posição em ranking global de educação financeira segundo *S&P Global Financial e Literary Survey*, porém, a ausência dela, no currículo escolar, não é a única justificativa para o cenário.

Até a década de 90, o Brasil passou por altos índices inflacionários, os índices de bancarização de sua população eram baixos, tinha-se pouco acesso ao crédito, além da oferta escassa de materiais didáticos sobre educação financeira. Dessa forma, comprometeu-se qualquer tentativa de planejamento financeiro futuro por parte das famílias brasileiras, pois os mesmos estavam preocupados com a corrosão do seu poder de compra, ou seja, os produtos necessários para sobrevivência.

Anos mais tarde, reflexo do Plano Real, o Brasil teve uma significativa melhora na sua economia, pois agora os índices de bancarização haviam aumentado, bem como a inflação que estava controlada, fazendo, assim, que índices como o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) tivessem queda acentuada. Posteriormente outro fator importante para esse cenário de melhorias econômicas foi a abertura do crédito.

Com todos esses acontecimentos, segundo Araujo e Calife (2014), o Brasil tinha potencial para que o brasileiro médio pudesse aplicar, agora sem prejuízos, os conceitos de educação financeira, porém, essa perspectiva deu lugar ao consumo desenfreado. Na tentativa de suprir anos de escassez e aperto financeiro, os brasileiros utilizaram o crédito para financiar seu consumo, fomentando, assim, a inadimplência.

Diante do cenário da educação financeira e tendo em vista a ascensão da era informacional, por meio do surgimento da Internet e das mídias sociais, observa-se um crescimento na divulgação de informações relacionadas à educação financeira. Atualmente, há o surgimento dos denominados “influenciadores digitais”, bem como a disponibilização e o comércio de materiais dentre os quais há a abordagem didática acerca do tema. Assim como, por meio das plataformas digitais, como o Youtube e o Instagram, o alcance dessas informações se tornou alto, dessa forma, subentende-se que há uma maior acessibilidade a esses conteúdos sobre finanças, o que pode amenizar o quadro da desinformação sobre educação financeira.

Será analisado, portanto, por meio de uma pesquisa qualitativa, se o cenário brasileiro atual, imerso na era informacional, tem contribuído para o avanço da educação financeira no Brasil. Para análise, foi feito um questionário composto por 17 perguntas sobre questões financeiras, o qual foi aplicado a 211 pessoas. Serão analisados os dados apresentados na pesquisa para uma contribuição e entendimento a respeito do tema.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

Primeiramente, se faz necessário entender o conceito de “educação financeira”. Dessa forma, segundo a OCDE (2005), educação financeira é

o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (OCDE, 2005).

Além do conceito anterior, há também a apresentação do conceito extraído do site do Banco Central para educação financeira:

É o processo mediante o qual consumidores e investidores financeiros melhoram a sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros e, por meio de informação, instrução ou aconselhamento objetivo, desenvolvem as habilidades e a confiança necessárias para se tornarem mais cientes dos riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas baseadas em informação, saber onde procurar ajuda e realizar outras ações efetivas que melhorem o seu bem-estar financeiro. (Banco Central, Educação Financeira).

Portanto, tendo em conta tais conceitos, observa-se que a educação financeira é denominada como um “processo” em que os indivíduos adquirem “informações” sobre como lidar com suas finanças. Em ambas as citações, essas duas palavras se fazem presente de forma significativa, ou seja, é necessário que se inicie um processo de divulgação de informações para que a educação financeira seja perpetuada no Brasil. Dessa forma, poderá ser alcançado o que a OCDE diz: “indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidas com o futuro”, tendo em vista a importância de tal educação tanto para os cidadãos quanto para o País.

## **2.2 ERA DA INFORMAÇÃO/ERA DIGITAL**

Era da informação ou Era digital são os termos utilizados para identificar a dinamização e democratização dos fluxos informacionais pelo mundo, promovida pelos constantes avanços tecnológicos originados pela Terceira Revolução Industrial.

A informação tem se tornado, nos dias atuais, um dos mais importantes recursos das organizações. Autores de diversas áreas tem se referido a este momento como "A era da informação", ressaltando os impactos sociais, econômicos, políticos e psicológicos deste período. São destacados fatos históricos recentes que identificam este processo, analisadas algumas repercussões desta valorização da informação para a sociedade e definidos conceitos sobre as ferramentas de tecnologia da informação utilizadas pelas diversas organizações (JAMIL; NEVES, 2000).

A Era da informação se caracteriza pela ampliação da capacidade de armazenamento, memorização de informações, dados e todo tipo de conhecimento. Seu alcance é global, e foi um dos principais agentes que promoveu a globalização. Hoje, através da Internet, vários indivíduos estão interligados e têm acesso a inúmeros conteúdos e materiais.

Para Chiavenato (2014), a era da informação teve seu início na década de 90 e foi resultado do intenso desenvolvimento tecnológico, bem como da tecnologia da informação. Essa corresponde aos dias atuais, gerando mudanças constantes e muito aceleradas, grande fluxo de informações e acesso democrático a uma gama imensa de informações.

Ao olhar para a Era da informação pela ótica da educação financeira, é possível ter acesso à essa aqui no Brasil, pois educadores financeiros e pessoas ligadas às finanças, cada vez mais, estão disponibilizando conteúdos através das mídias sociais, o que, de fato, colocou em evidência o tema “educação financeira” nos dias atuais.

## **2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL**

### **2.3.1 CONSEQUÊNCIAS POLÍTICO-ECONÔMICAS**

Até pouco tempo, o Brasil era considerado um dos países com os índices mais baixos de educação financeira. Segundo pesquisa de 2014, promovida pela *S&P Global Financial e Literary Survey*, divulgada por Yazbek na Revista Exame, o Brasil ocupa a 74º posição no ranking global em relação ao nível de educação financeira, como mencionado na introdução. Apenas 35% dos 150 mil adultos entrevistados tiveram êxito no questionário aplicado, que tinha como objetivo medir o nível de educação financeira de 144 países. Dessa forma, o Brasil passou a ocupar uma posição inferior à de países considerados pobres, como Madagascar, Zimbábue e Togo.

Essa pesquisa consistiu em 5 perguntas (Tabela 1) que foram escolhidas com o intuito de avaliar se os indivíduos de cada país dominavam quatro conceitos financeiros básicos: aritmética, diversificação de risco, inflação e juros compostos. Segue abaixo tabela com as perguntas:

**Tabela 1** – Perguntas da pesquisa

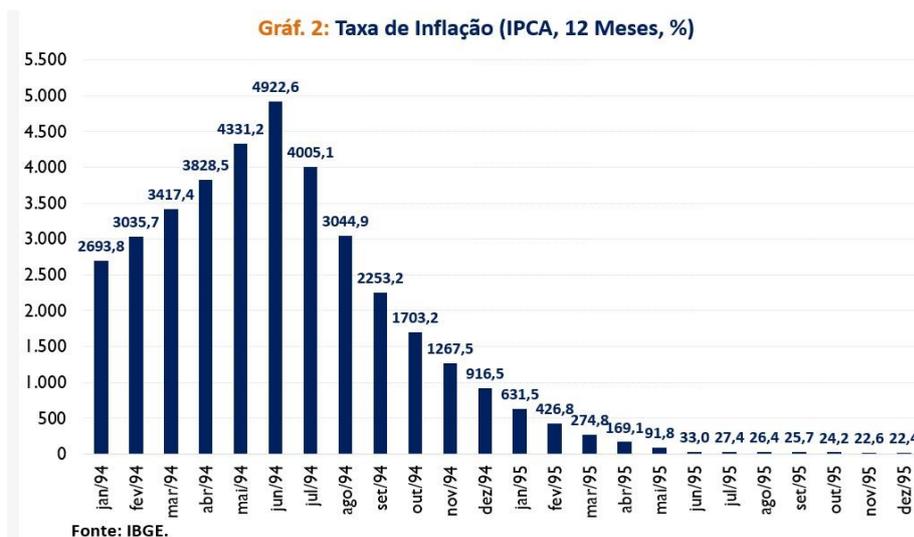
1. Suponha que você tem algum dinheiro. É mais seguro colocar seu dinheiro em um negócio ou um investimento, ou colocar seu dinheiro em vários negócios?
2. Suponha que, ao longo dos próximos 10 anos, os preços das coisas que você compra vão dobrar. Se a sua renda dobrar também, você poderá comprar menos do que você pode hoje, o mesmo que você comprar hoje, ou mais do que você pode comprar hoje?
3. Suponha que você precise tomar um empréstimo de 100 reais. Qual o valor de pagamento seria menor: 105 reais ou 100 reais mais três por cento?
4. Suponha que você deposite dinheiro no banco por dois anos e o banco se comprometa a depositar em sua conta 15 por cento do valor ao ano. O banco vai depositar mais dinheiro no segundo ano do que no primeiro, ou vai depositar a mesma quantia?
5. Suponha que você tem 100 reais em uma conta poupança e o banco se compromete a depositar 10 por cento ao ano na conta. Qual valor você terá na conta depois de cinco anos, se você não fizer nenhum saque?

Fonte: Revista Exame (2015)

Tal pesquisa sugere que quanto maior o nível de educação financeira maior a inclusão da população no sistema bancário, “ofertando assim mais oportunidades individuais, e consequentemente o desenvolvimento do mercado financeiro e da economia do país como um todo” (YASBEK, 2015).

Porém, o fato de o Brasil ser atrasado, se comparado a vários países do mundo, com relação à educação financeira não é somente devido à falta de oferta por parte do sistema educacional brasileiro, é mais profundo e tem embasamento histórico e econômico. Desta forma, podem ser elencados alguns fatos que contribuíram para o cenário de atraso da educação brasileira no País, e um deles foram os altos índices inflacionários que vieram antes do Plano Real, em meados dos anos de 1990. Segundo Giambiagi (2011), antes do Plano Real, que estabilizou a inflação, houveram 5 planos frustrados que tentaram promover essa estabilização, são esses os planos: Cruzado, Bresser, Verão, Collor I, Collor II.

Gráfico 1 – Inflação antes do Plano Real



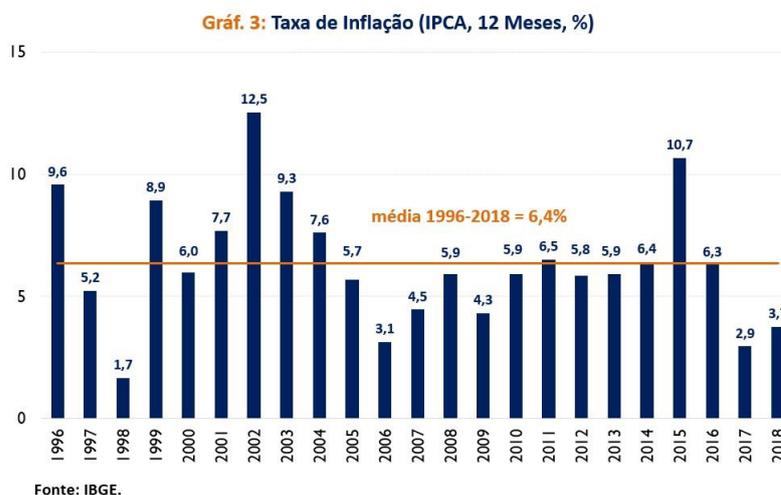
Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/25-anos-do-plano-real>. Acesso em: 17 de set. 2022.

O influenciador Thiago Nigro, em sua obra “Do Mil ao Milhão”, destaca o quão difícil era ter qualquer planejamento financeiro em tempos como esses:

A instabilidade financeira e política, associada às altas taxas de inflação, fez com que planejar fosse algo muito difícil e que previsões falhassem com frequência diante de tanta volatilidade (NIGRO, Thiago, 2018, p. 15).

Ainda nessa linha, a inflação tem sido muito volátil no Brasil. Ao analisar o índice desde os anos de 1930, nota-se que, mesmo em períodos recentes, como a partir de 2010, o índice variou de 2,97% (em 2017) a 10,67 (2015) segundo dados de 2018 do IBGE.

Gráfico 2 – Inflação anual



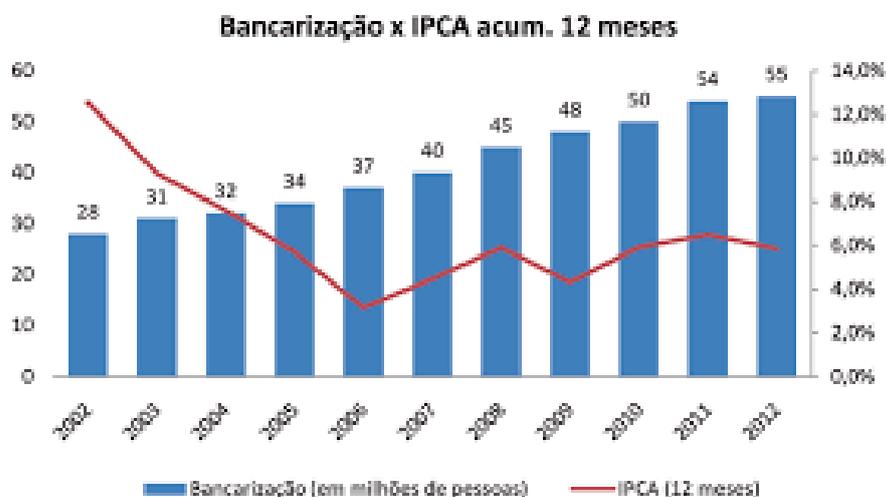
Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/25-anos-do-plano-real>. Acesso em: 17 de set. 2022.

Em um cenário onde a inflação é muito volátil, fica evidente que a preocupação da família brasileira, naquela época, era conseguir arcar com todas as obrigações financeiras e ainda assim conseguir comprar todos os itens de sobrevivência no mercado. Portanto, sempre com a sombra do medo do poder de compra cair, não havia espaço para a prática de bons conceitos de educação financeira.

Além do fator inflação, existia também, como fator preponderante de baixa educação financeira, a baixa bancarização da população brasileira, que traria, em tese, melhora para o controle e planejamento financeiro das famílias brasileiras, facilidade ao pagar as contas e receber também, bem como o acesso ao crédito e a oportunidades de investimento.

Nos anos de 1990, após a elaboração da Constituição de 1988, ocorreram mudanças significativas no sistema bancário brasileiro; “segundo a tendência mundial de liberalização em vários mercados, o Brasil iniciou um processo de abertura comercial e financeira. Após o processo de reestruturação bancária promovido pelo governo, os bancos estrangeiros ampliaram em muita sua participação no mercado bancário do país.” (CAMARGO, 2018). Com a entrada dos bancos estrangeiros, foi possível ter maior acirramento da concorrência, o que consequentemente promoveu melhoras em todo o sistema bancário, redução do *spread*, maior oferta e qualidade dos serviços financeiros, modernização tecnológica e aumento na eficiência do sistema, principalmente no que tange à concessão de crédito. Consequentemente, houve aumento significativo na bancarização da população brasileira.

Gráfico 3 – Bancarização brasileira



Com as melhoras trazidas pela vinda dos bancos estrangeiros, que ocasionou no crescimento em massa da bancarização, além da estabilização da inflação, fruto ainda do Plano Real, os conceitos de educação financeira estavam cada vez mais propícios a serem praticados, pois, além da facilidade do controle financeiro por meio da bancarização, a população, até então, poderia ter acesso ao crédito, porém isso só ocorreu de fato um pouco mais tarde.

Outro marco econômico importante foi a abertura do crédito, Kalecki (1983) define que crédito é um elemento de desenvolvimento econômico, pois, através de suas capacidades de inovação, é capaz de dinamizar o ciclo econômico, permitindo ao empresário adquirir forças produtivas necessárias para produção de bens e serviços, sendo um mecanismo indispensável ao sistema capitalista. Ainda sobre essa ótica, Segundo Carvalho (2007), o crédito é uma ferramenta de grande importância em uma economia capitalista, pois ele promove investimento.

Gráfico 4 – Oferta de crédito



Disponível em: <https://www.boavistaservicos.com.br/wp-content/uploads/2014/08/A-hist%C3%B3ria-n%C3%A3o-contada-da-educa%C3%A7%C3%A3o-financeira-no-Brasil.pdf>. acesso em: 18 de set. 2002.

A oferta de crédito viria para fechar o pacote de mudanças econômicas que revolucionariam a forma como o brasileiro enxergava suas finanças, pois agora, sim, as condições eram favoráveis e propícias para o desenvolvimento dos conceitos de educação financeira, a inflação estava controlada, o sistema financeiro brasileiro estava enfim solidificado, as contas públicas estavam controladas e a dívida externa estava em declínio. Porém, não foi o que aconteceu de fato, a população brasileira, ora imatura financeiramente e com a oportunidade promovida pelo bom momento da economia e concessão de crédito, adicionou outra “variável” à equação: o consumo desenfreado.

A partir do ano de 2003, pode-se observar um aumento significativo na concessão de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN), crescimento esse fomentado pelo bom momento econômico mundial. Porém, na tentativa de resgatar anos de escassez financeira, os brasileiros, que por ora não possuíam a educação financeira necessária, passaram a utilizar o crédito para poder realizar desejos de consumo que antes não eram possíveis, mas que agora passariam a ser.

O que antes era impensável, passou a ser plausível. Mas o cenário completo que passaria a governar a educação financeira ainda teria a influência de outras “peças”: um nascente debate sobre a importância do comportamento individual na definição da prosperidade financeira e o comportamento efetivamente adotado pela maior parcela dos consumidores emergentes, que diante da possibilidade de resgatar décadas de exclusão econômica usou as melhores condições de emprego e renda e, em especial, o crédito a sua disposição para financiar consumo. No entanto, isso foi feito sem o devido desenvolvimento da prática e da familiaridade com o conceito do planejamento (ARAÚJO; CALIFE, 2014).

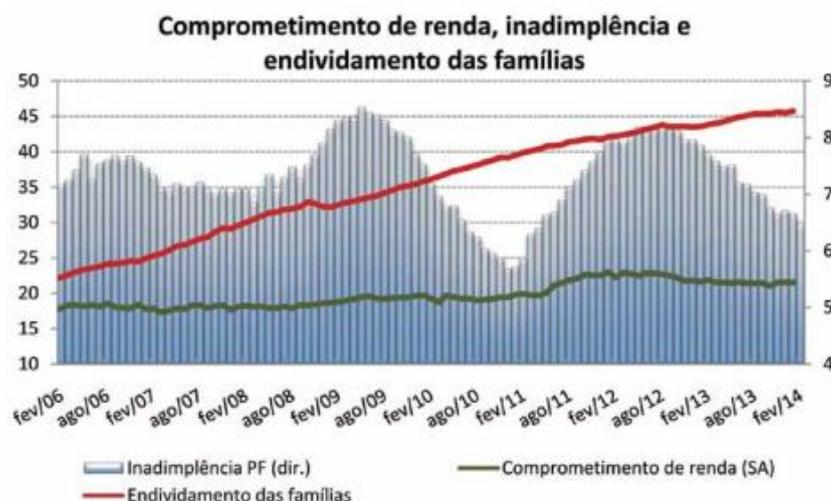
Para financiar o consumo desenfreado, a concessão de crédito começa a aumentar deliberadamente, trazendo, então, outros fatores importantes para o cenário econômico brasileiro, a inadimplência e o endividamento da população. É importante diferenciar os dois termos; o primeiro termo significa não conseguir arcar com um compromisso financeiro já feito:

O consumidor se compromete em devolver o montante tomado, acrescido de juros e correção monetária (Vieira, 2014).

Já o segundo se refere a assumir compromissos futuros de pagamento, ou seja, o endividado pode ou não ser inadimplente:

Quando há o excesso de dívidas e o consumidor não consegue honrar com o que foi combinado, impossibilitando a quitação do contrato até a data do vencimento, configura inadimplência (Silva; Souza; Fajan, 2015).

Gráfico 5 – Inadimplência e Endividamento



Disponível em: <https://www.boavistaservicos.com.br/wp-content/uploads/2014/08/A-hist%C3%B3ria-n%C3%A3o-contada-da-educac%C3%A7%C3%A3o-financeira-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 18 de set. 2022.

Posteriormente, o Brasil deparou-se com significativas elevações de taxas de juros, a SELIC, que é a taxa básica de juros da economia, subira de 16% a 20% em 2006, elevando assim consequentemente os juros dos empréstimos. Situação essa que se agravou após uma nova crise que afetava o mundo, a crise de 2008, que afetou o mercado interno de trabalho, interrompendo também a atividade econômica mundial.

E, por consequência dessas instabilidades político-econômicas e também da desinformação de sua população, o Brasil, que teve condições ideais para que o conceito e a prática da educação financeira fossem de fato semeados, estava novamente refém da fragilidade econômica.

Segundo Pinheiro (2008), a ausência de educação financeira, aliado ao consumo desenfreado, pode proporcionar a tomada de decisão errada, como, por exemplo, contrair crédito a juros elevados, e, como forma de pagamento, utilizar os meios oferecidos pelas instituições financeiras, afetando diretamente o nível de endividamento dos consumidores.

### 2.3.2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL

Atualmente, o sistema brasileiro de ensino não tem educação financeira como obrigatoriedade, o que, de fato, reflete em pesquisas como essa citada no parágrafo anterior. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) orienta, por meio de sua Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.384/96), que:

No ensino de matemática, recomenda-se estimular: a capacidade de leitura e interpretação de textos com conteúdo econômico; a habilidade de análise e julgamento dos cálculos de juros nas vendas a prazo; a compreensão do relacionamento entre a matemática e os demais campos de conhecimento, como a economia; a utilização desta para promover ações de defesa dos direitos do consumidor (SAVIOA et al, 2007 p.1134).

Nota-se, por meio do trecho acima, que há uma preocupação explícita, por parte do MEC, com relação a apresentar “conteúdos econômicos”, porém, a partir da “leitura e interpretação de textos”, ou seja, tal conteúdo deve ser abordado como um tema transversal, não essencial. Sabe-se que em 2020 o Ministério da Educação (MEC) tornou obrigatório, durante as aulas da disciplina de matemática do ensino fundamental, o estudo de conceitos básicos de economia e finanças, o que se traduz apenas em orientação quanto aos temas de juros simples e compostos, e para os alunos do ensino médio temas mais complexos como sistema monetário internacional nacional e mundial. Porém o que tem ocorrido é que raramente, há a presença da educação financeira de fato – poucas escolas apresentam como disciplina ou, pelo menos, como um tema essencial durante as aulas ministradas.

Em meados dos anos 90, por exemplo, a informação e os materiais de educação financeira tinham somente o viés de “dicas de investimento” e exclusivamente para aqueles que já possuíam algum patrimônio consolidado e para os que buscavam melhores oportunidades de alocação de recursos, até porque a realidade financeira da maioria dos brasileiros era muito distante da prosperidade de poucos (ARAÚJO; CALIFE, 2014). Logo, o público-alvo da educação financeira, nessa época, era composto por aqueles que já tinham um poder aquisitivo maior, pois esses tinham interesse em entender sobre como utilizar os seus recursos.

Segundo Fernandes e Candido (2014), atualmente as políticas públicas e diretrizes do MEC ainda não incluem a educação financeira como requisito necessário para o desenvolvimento, pressupondo que a base multidisciplinar aplicada será suficiente para todos adquirirem conhecimentos e habilidades para administrar suas finanças.

Com o intuito de mitigar falta de oferta da educação financeira pelo sistema educacional brasileiro, foi criada a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). Criada pelo Decreto Federal 7.397/2010, o objetivo da ENEF é “contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes” (BRASIL - ENEF, 2015).

Ainda na tentativa de sanar o problema do Brasil com educação financeira, a Bolsa de Valores do Brasil, a BM&F Bovespa, também tem uma iniciativa voltada para educação financeira para crianças e adultos. Em parceria com a TV cultura, eles trazem episódios

didáticos com boa didática e fácil assimilação, trazendo desde a origem do dinheiro, problemas financeiros do cotidiano, até estratégias para lidar com pagamentos a prazo. A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), não fica atrás, disponibiliza também conteúdo voltado para educação financeira, com atividades infantis e orientação de investimentos.

Outra iniciativa, por parte de órgãos, é o portal Meu Bolso Feliz, criado pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil). Com o objetivo de mostrar a importância da educação financeira a todos, para que assim sejam estabelecidas boas relações com dinheiro, são abordados temas como investimento, uso do cartão de crédito, consumo consciente, formas de ensinar os filhos a lidar com dinheiro e evitar as dívidas. Há também uma parceria visando o alcance do público infantil, com Mauricio de Souza, o criador da Turma da Mônica, de vários de temas desse abordado em quadrinhos.

Há também, por iniciativa do Banco Central (BACEN), o Programa de Educação Financeira do Banco Central (PEF-BC), que tem por objetivo disseminar sobre conhecimentos econômico-financeiros para a sociedade, podendo assim, oferecer ao público condições de refletir a respeito da responsabilidade de cada pessoa no planejamento e na administração econômica, entendendo assim, o papel do Banco Central e demais agentes financeiros. O acesso a todos esses conteúdos se dá através do site do BACEN.

Apesar de boas iniciativas de disseminar a educação financeira, há quem defenda a inserção da educação financeira em currículo escolar:

No Brasil, infelizmente, a Educação Financeira não é parte do universo educacional familiar. Tampouco escolar. Assim a criança não aprende a lidar com dinheiro nem em casa e nem na escola. As consequências desse fato são determinantes para uma vida de oscilações econômicas, com grave repercussões tanto na vida do cidadão, quanto na do país (D'AQUINO, 2015).

### **2.3.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA INFÂNCIA**

Baseado nas ideias acima da educadora financeira Cassia D'Aquino, a educação financeira teria que ser ministrada ainda em sala de aula na infância, para que, na fase adulta, esse indivíduo tenha mais facilidade em lidar com os desafios financeiros. Segundo Santos, Menezes e Rodrigues (2016), muito do que o adulto reproduz em sua vida é reflexo do que de fato foi aprendido na infância, e com a educação financeira não é diferente, é na primeira infância quando a criança descobre os conceitos de mundo e começa a assimilar conceitos que vai levar consigo para o resto da vida.

Portugal (2009) defende que o período da infância e as primeiras experiências de vida do ser humano enquanto criança determinam aquilo que o ser humano será enquanto adulto,

pois é nesse período que o sujeito aprende sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Neste sentido, o conhecimento da criança nesta etapa da sua vida torna-se essencial para os profissionais de educação que com ela desenvolvem uma ação educativa. De acordo com essa necessidade, Santos, Menezes e Rodrigues (2016) também dizem que os valores transmitidos pela família são levados para a vida, entretanto, a escola tem a capacidade de, a partir da criança, transformar uma família. É importante ressaltar que “O papel da família na educação financeira também é muito importante, pois é em casa onde a criança terá o contato com as experiências financeiras (SAVÓIA; SAITO; SANTANA, 2007).

O papel que a família irá desempenhar no comportamento financeiro de determinada criança remete novamente à necessidade de se ter a educação financeira inserida no currículo escolar, pois os pais que não são educados financeiramente têm grandes chances de produzir filhos não educados financeiramente. Brad Klontz e Ted Klontz (2017), em sua obra “A mente acima do dinheiro” afirmam que:

As crianças formam sua visão de mundo a partir da observação e da imitação dos adultos. Aprendem o que devem temer e evitar, e o que devem desejar e buscar. Quanto mais estressados com as finanças forem os pais, maior a probabilidade terá a criança de desenvolver ansiedade em relação ao dinheiro (KLONTZ B; KLONTZ T, 2017).

Ainda em referência a essa obra, Klontz B e Klontz T (2017) elucidam que, uma criança, em seu seio familiar, pode definir a maneira como essa criança lidará com o dinheiro em sua fase adulta, reproduzindo o comportamento financeiro dos pais, mesmo que inconscientemente, e em casos de traumas, assumir um comportamento totalmente adverso ao dos pais.

Porém, há um outro fundamento que contribui para a ideia de que a educação financeira deveria ser ministrada em sala de aula e não deveria ser papel apenas da educação por parte dos pais. Dessa forma, é importante destacar que, por se tratar de um tema que impactará o comportamento financeiro daquela criança para o restante de sua vida, o sistema de ensino deve tomar alguns cuidados, caso fosse incluída a educação financeira no currículo educacional nacional:

A educação financeira não deve ser confundida com o ensino de técnicas ou macetes de bem administrar dinheiro. Tampouco deve funcionar como um manual de regrinhas moralistas fáceis – longe disso, aliás. O objetivo da Educação Financeira deve ser o de criar uma mentalidade adequada e saudável em relação ao dinheiro. Educação Financeira exige uma perspectiva de longo prazo, muito treino e persistência (D’AQUINO, 2015).

Em complemento, o autor e educador financeiro Gustavo Cerbasi, também, afirma que:

Educar para o dinheiro não é condenar para o consumo e doutrinar para a poupança. É estimular a organização pessoal para que desejos de consumo não extrapolem limites e se tornem insustentáveis (CERBASI, 2013).

Portanto, a educação financeira nas escolas não estaria limitada a modelos de consumos ou dicas de investimento, deveria essa ser encarada como uma matéria obrigatória e poderia ser dividida em módulos, observando a didática ideal para cada tema, bem como a maturidade de cada turma para tratar de um determinado assunto, utilizando sempre de situações práticas para elucidar o conteúdo.

#### **2.3.4 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ERA DIGITAL**

Baseado nas constatações anteriores, temos visto o tema educação financeira ganhar mais relevância e atenção da população brasileira. Nutridos pelos avanços tecnológicos e pela expansão das mídias sociais, percebe-se uma mudança significativa na forma de comunicação dos brasileiros atualmente. Com apenas alguns cliques, as pessoas usufruem da possibilidade de ter acesso a vários assuntos de dimensões globais, assim como, a temas relacionados a finanças. Segundo a UDOP, União Nacional de Bioenergia, o uso das mídias sociais tem se expandido em larga escala e ultimamente estão sendo utilizadas de maneira estratégica e comercial em todo o globo.

O poder de influenciar as decisões do público que consome o seu conteúdo é significativo, de modo que as grandes empresas no mundo inteiro estudam delicadamente qual nicho de público pretendem alcançar e qual tipo de conteúdo deve ser gerado para alcançar esse objetivo (LIMA, 2021).

Por conseguinte, a popularização da educação financeira foi promovida por diversos canais e diversas plataformas digitais, os quais funcionam como disseminadores de conhecimento e têm um potencial de alcance muito grande. Os conteúdos de temáticas financeiras têm se tornado cada vez mais acessíveis, com diversas didáticas, o que de fato desperta o interesse daqueles que acessam esses temas.

Diante disso, é possível observar que as Mídias Sociais tem papel fundamental na sociedade como influenciadoras e formadoras de opinião. Nesse sentido, os influenciadores digitais de Educação Financeira têm disponível diversas ferramentas para criação e divulgação de conteúdo nessa seara, dentre eles destacam-se: Instagram, objeto de análise nesse projeto de pesquisa, Twitter, Facebook, Youtube, LinkedIn, TikTok, Telegram, Whatsapp e etc. (LIMA, 2021).

Segundo um dos maiores educadores financeiros do Brasil, Gustavo Cerbasi (2013), “a Educação Financeira tem ganhado cada vez mais força, mas ainda precisa de ajustes para verdadeiramente transformar a vida da população e passa hoje pelo seu maior momento no Brasil, apesar do endividamento crônico de parte da população adulta no país”. Dessa forma, percebe-se que ainda há muito para avançar com relação à temática apresentada, apesar de já haver iniciativas por parte do governo federal, de alguns órgãos e, principalmente, de todos os agentes que utilizam as mídias sociais para promover a educação financeira.

### **3 PROCEDER METODOLÓGICO**

Considerando todo o panorama histórico e, também, aos números referentes à educação financeira no Brasil, os conteúdos promovidos por essas novas formas de aprendizado serão suficientes para suprir a não oferta de educação financeira por parte do sistema de ensino brasileiro?

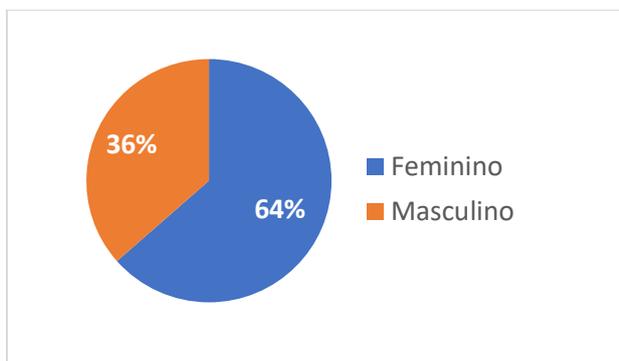
Com o objetivo de avaliar se os conhecimentos relacionados à educação financeira, apreendidos por meio da popularização dos conteúdos promovida pelos diversos canais e pelas plataformas digitais, seriam suficientes para preencher a lacuna da educação financeira no Brasil, foi aplicado um questionário que consistia em 17 perguntas básicas relacionadas a despesas do cotidiano: juros, cartão de crédito, poupança, alocação de investimentos, aprendizado sobre finanças etc.

Como atualmente tem-se à disposição uma gama informacional imensa acerca do assunto, o estudo buscou identificar se a informação disponível é suficiente para promover mudanças relevantes no quadro da educação financeira no Brasil.

#### 4 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÃO

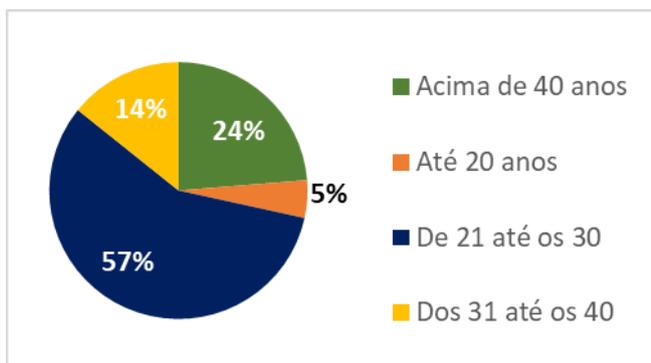
A pesquisa contou com 211 participantes que responderam a um questionário online; desse total, aproximadamente 60% são do sexo feminino, conseqüentemente 40% do masculino.

Gráfico 6 - Sexo



Do total de entrevistados, 62% estão na faixa de 20 a 30 anos de idade, ou seja, são jovens. Esse aspecto da idade faz total diferença nos resultados buscados, pois, em tese, é nessa faixa etária que estão os jovens que já exercem atividade remunerada e que têm mais acesso aos conteúdos e materiais advindos da era da informação acerca de finanças. Outro dado importante é o fato de que 24% dos que responderam são adultos acima dos 40 anos, os quais representam, justamente, a geração que não teve os recursos disponíveis dos dias atuais, portanto, em tese teriam mais dificuldade para ter acesso a tais informações.

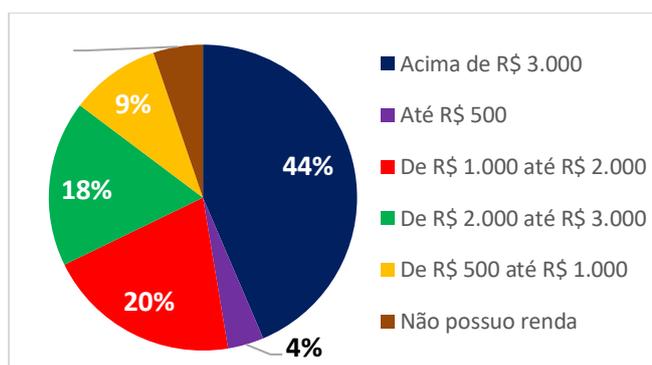
Gráfico 7 - Faixa etária



A grande maioria, ou seja, aproximadamente 44% da nossa amostra, tem a faixa de renda mensal acima de R\$ 3.000,00, e também 18% recebem entre R\$2.000,00 e R\$ 3.000,00. Sendo assim, 62% dos participantes teriam mais condições não só de aprender conceitos básicos de educação financeira, mas, também, de aplicá-los. Porém, 38% da amostra total são

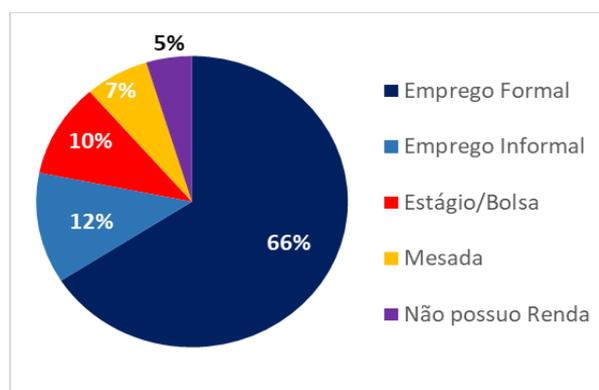
indivíduos que têm sua faixa mensal de renda abaixo dos R\$ 2.000,00, contando com os 4% que informaram não ter renda, o que leva à conclusão de que até poderiam assimilar e aprender os conceitos de educação financeira, porém, não teriam todos os subsídios necessários para aplicá-los no seu cotidiano, pois podem estar usando grande parte de sua renda para aquisição de itens de subsistência.

Gráfico 8- Renda Mensal



Em relação à fonte das rendas acima citadas, observa-se que aproximadamente 66% da amostra tem sua renda advinda de emprego formal; 12% de emprego informal; 10% recebem bolsas de estágio e o restante consiste em pessoas que recebem mesada (6%) e não possuem renda (5%). Se analisarmos o percentual de pessoas com alternativas de emprego informal, veremos que ela é baixa, ainda mais ao tratar-se dos dias de hoje, em que empreendedorismo e fontes de rendas virtuais (aplicativos, marketing digital) estão cada vez mais em evidência.

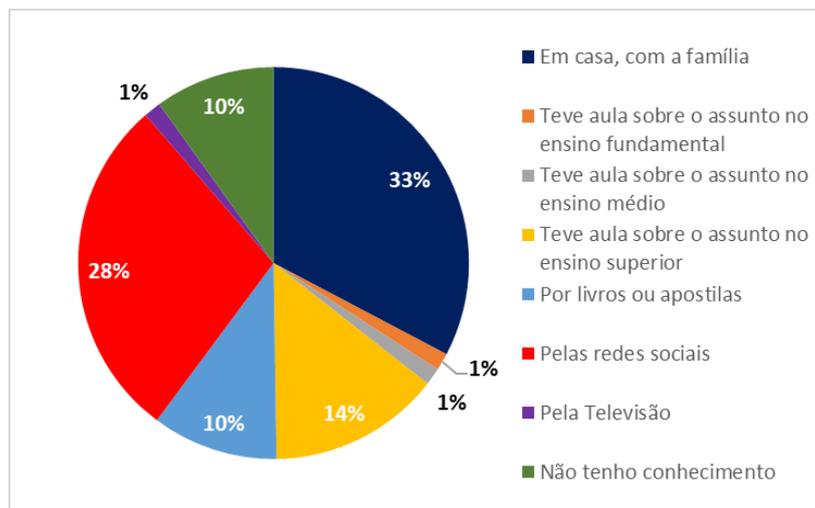
Gráfico 9 – Modelo de Emprego



Em relação às questões que envolviam diretamente os conhecimentos e as experiências sobre educação financeira, obteve-se 33% adquirindo seus conhecimentos financeiros em casa com a família, o que é o mais comum em nosso contexto. Foi apurado também que 28% das

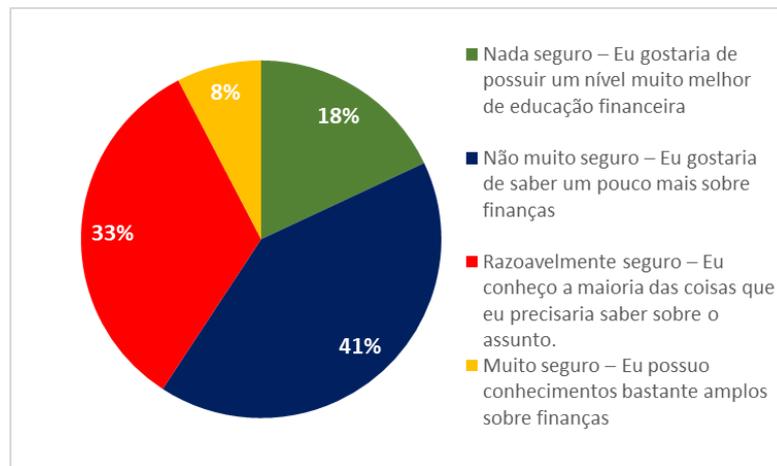
pessoas adquiriram seus conhecimentos financeiros pelas redes sociais, o que demonstra que cada vez mais os conteúdos de educação financeira estão atingindo as pessoas. É um percentual não muito alto, porém é significativo e esperado, tendo em vista que a maioria dos participantes é jovem. Corroborando ainda com a ideia de educação financeira promovida pelos recursos da era da informação, temos que 10% dos participantes obtiveram seus conhecimentos a partir de livros e revistas, sendo assim, 38% da amostra total captaram seus conhecimentos por ferramentas e iniciativas promovidas pela era da informação (por meio de redes sociais, livros, revistas). Ainda no âmbito da aprendizagem, 14% tiveram aula sobre o assunto no ensino superior e apenas 3% tiveram aulas no ensino fundamental e médio, um número que aponta a realidade da educação financeira nas escolas; os outros 10% são representados pelos participantes que afirmaram não ter conhecimento algum em relação ao tema.

Gráfico 10- Fonte dos Conhecimentos Financeiros



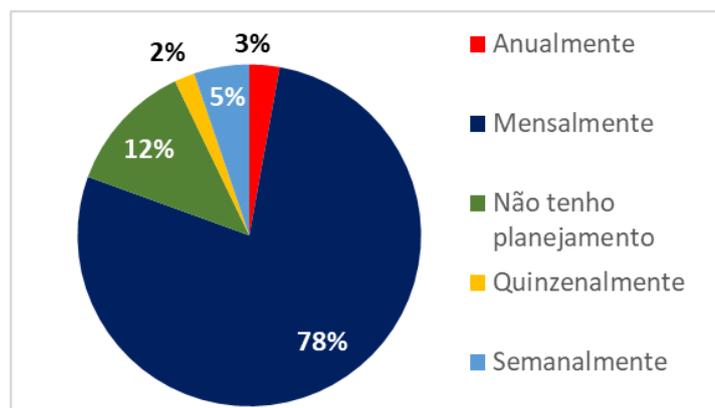
Dessa forma, baseado de onde foram as fontes de conhecimento da amostra utilizada, 59% dos participantes não se sentem seguros em relação aos seus conhecimentos financeiros, 41% não muito seguros e 18% nada seguros. Esse é um percentual bastante significativo, evidenciando ainda uma carência por parte da oferta de conhecimento financeiro. Um dado a ser observado: na pergunta anterior, observa-se que, além dos 27% dos participantes que tiveram seu conhecimento a partir de casa com a família, há também a constatação de que 38% tenha obtido seus conhecimentos oriundos de ferramentas promovidas pela Era da informação, que, em tese, viria como aliada e estaria suprimindo a falta da educação financeira nas escolas. Porém, o que se percebe nessa questão é que mais da metade dos entrevistados não se sentem seguros em relação aos seus conhecimentos.

Gráfico 11- Nível de Segurança sobre Finanças



Sobre o planejamento financeiro, foi elaborada uma questão na qual consistia a escolha da forma como o planejamento financeiro era feito em relação a sua perniciosidade, ou ainda se o participante não tivesse nenhum planejamento financeiro. Obteve-se que 12% não tem planejamento algum, ou seja, lidam com suas finanças de qualquer maneira, outro indicador forte de falta de educação financeira, ou ainda a insuficiência dela. Teve-se, como já era esperado, que 78% realizam planejamento financeiro mensal, o que é natural, considerando que grande parte da amostra tem sua renda advinda de emprego formal, bolsa de estágio ou então mesada - pois o recebimento dessas fontes de renda é mensal, além da maioria das contas hoje serem mensalmente.

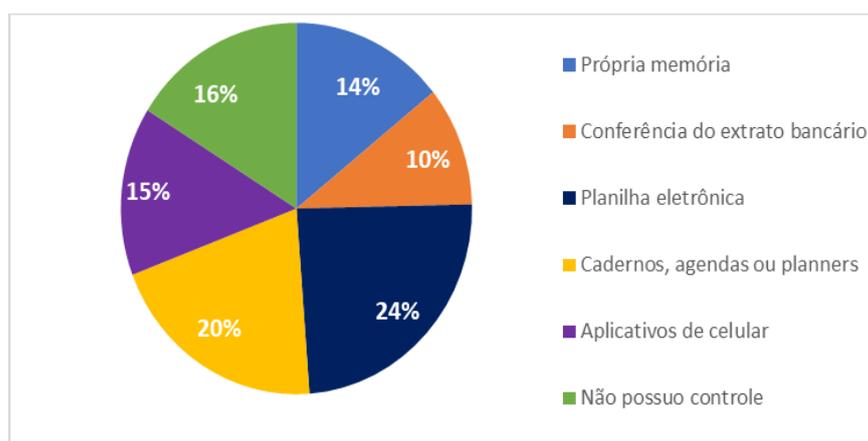
Gráfico 12- Período de Recebimento da Renda



Em uma pergunta que consistia em saber se os participantes tinham algum controle sobre os gastos, obteve-se que 19% dos entrevistados não tinham controle nenhum. É um dado preocupante, pois a ausência de controle de gastos é um dos principais sintomas de uma nação

que não é educada financeiramente, bem como um dos principais motivos para que o Brasil tenha uma taxa assustadora de inadimplência. Ainda sobre a ótica do controle de gastos, houve outra pergunta, a qual era direcionada apenas às pessoas que marcaram alguma opção de controle, pois ela relaciona-se à escolha de qual alternativa representa a ferramenta de controle utilizada. Foi possível constatar que, dos 81% dos participantes que afirmaram ter algum controle de gastos, 25% utilizam planilhas eletrônicas; 15% utilizam aplicativos de celular - sendo assim, há aproximadamente 40% dos participantes, que têm controle dos gastos, que utilizam de ferramentas modernas, o que pode ser ou não fruto da Era da informação -; enquanto 14% fazem controle pela própria memória; 20% por agendas e cadernos; 10% pelo extrato bancário e 16% afirmaram não ter ferramentas de controle - totalizando 60% que utilizam ferramentas não tão eficazes, que estão mais sujeitas a erros, outro indicador de baixa educação financeira.

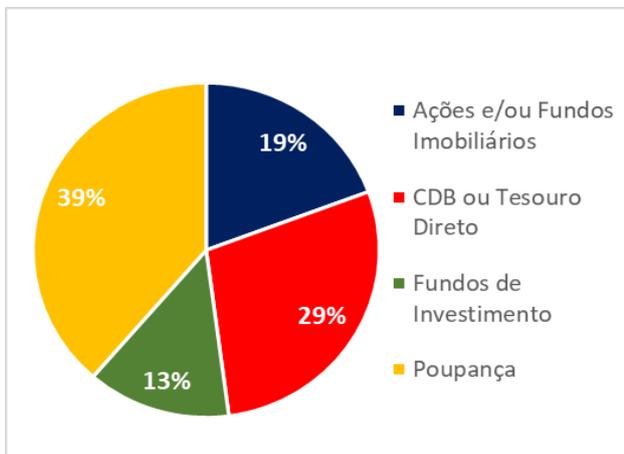
Gráfico 13 – Ferramentas de Controle Financeiro



Agora sobre a ótica dos investimentos, foram realizadas perguntas pontuais e consideradas básicas para os conceitos de educação financeira. Em uma das perguntas, houve o questionamento de possuir alguma modalidade de investimento e apenas 55% do total da amostra possuem alguma modalidade de investimento, sendo que 45% não possuem nenhum tipo de investimento, outro ponto negativo a respeito do nível educacional financeiro brasileiro. Do total de 55% dos participantes que afirmaram ter algum recurso financeiro investido, 39% investem em caderneta de poupança; 42% investem em alternativas de renda fixa, excluindo a poupança já citada, como CDB's e Tesouro direto; 13% em fundos de investimento; sendo assim, 81% dos participantes que possuem investimentos optam por modalidades de investimento pertencentes à renda fixa, em que, em tese, há menos risco e consequentemente

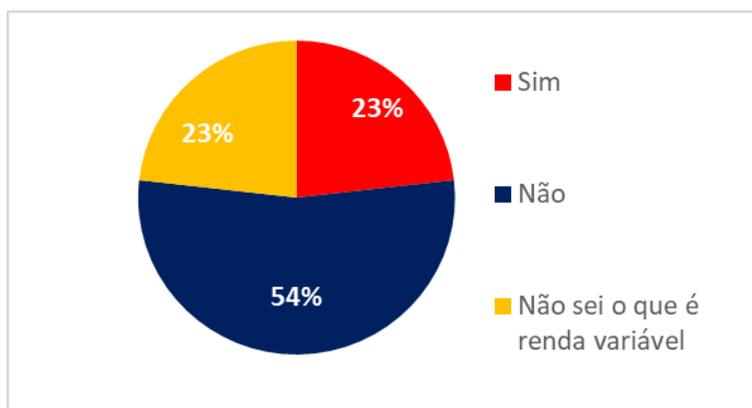
menos retorno. Apenas 19% dos investidores estão inseridos em bolsa de valores, mais uma vez uma evidência da insuficiência de educação financeira.

Gráfico 14- Alocação de Investimento



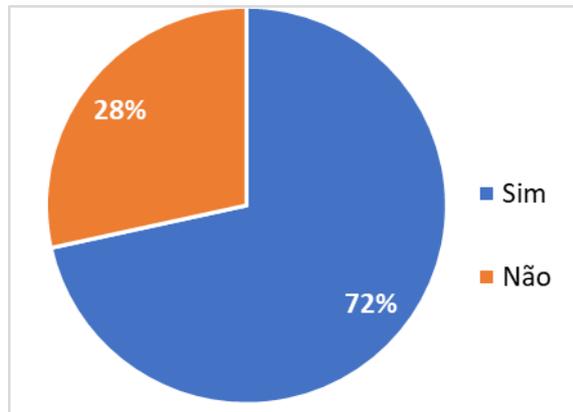
Ainda sobre investimentos, foi questionado o fato de os participantes estarem ou não preparados para investir em renda variável. Dessa forma, apenas 22% afirmaram estar preparados; 56% afirmaram não se sentir preparados, o que corrobora com todos os resultados anteriores que envolveram investimento; e 22% afirmaram não saber o que significava renda variável.

Gráfico 15- Renda Variável x Renda Fixa



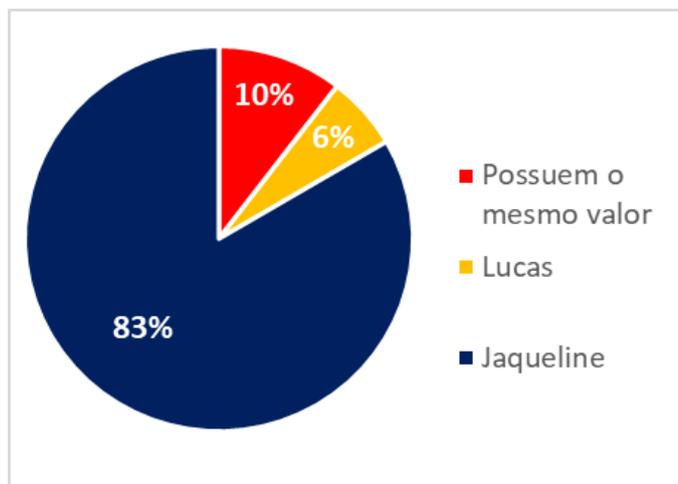
Em uma das questões, foi perguntado se os participantes já foram vítimas de golpes financeiros ou, pelo menos, conheciam alguém que já foi vítima, e houve, impressionantemente, 72% confirmados de que já foram vítimas ou conheciam alguém que foi. Um dado que também assusta e mostra que ainda estamos longe do ideal em relação a ideais de educação financeira.

Gráfico 16- Golpes Financeiros



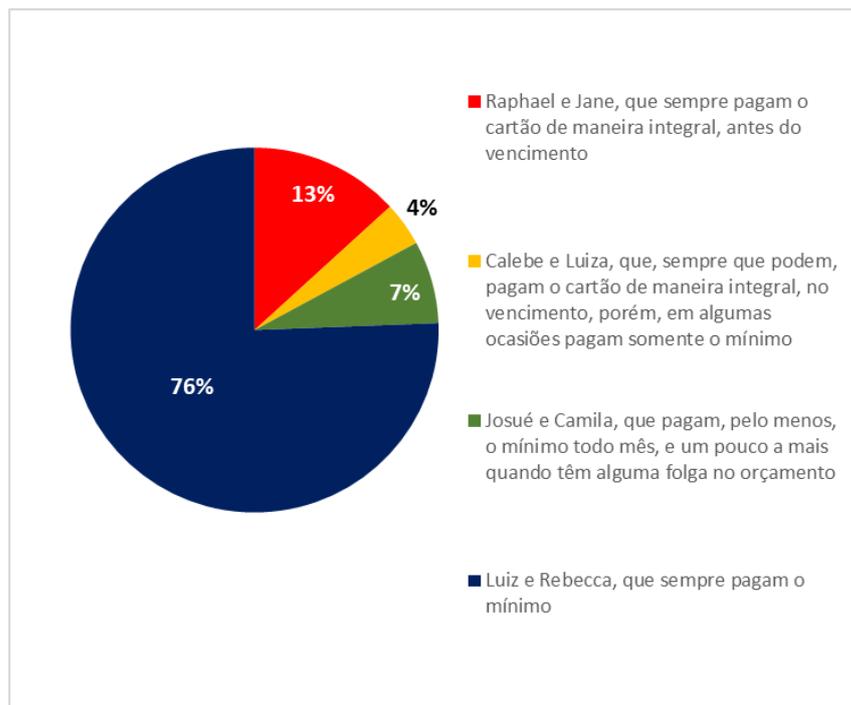
Ao final do questionário, cujo intuito das questões era avaliar a capacidade de tomada de decisão baseada em situações cotidianas que envolvessem finanças, a primeira delas era avaliar qual das alternativas teria o maior montante, considerando os valores dos aportes, bem como o tempo em que os investimentos eram feitos. Positivamente, apenas 6% marcaram opções erradas, o que pode ser algo positivo em relação ao que há disponível de informações sobre educação financeira atualmente.

Gráfico 17 - Investimento (Tempo x Aportes)



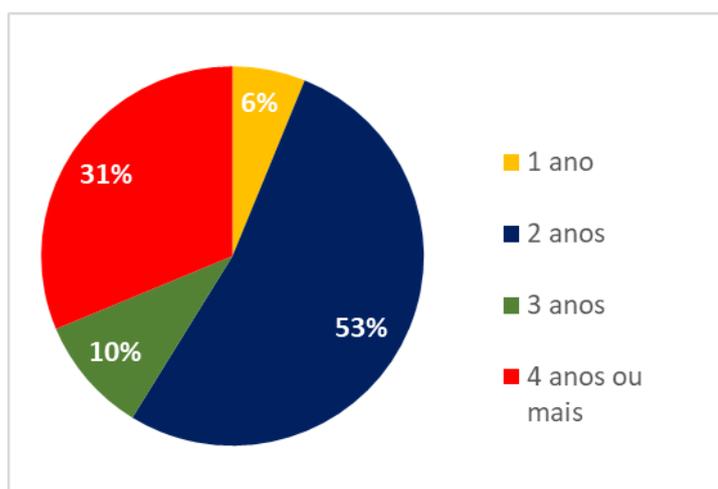
A penúltima questão avaliou o conhecimento acerca de juros de cartão de crédito, e houve um percentual de 24% de erro, um pouco maior que a questão acima. Porém, ainda é um indicador de que, gradualmente, as pessoas estão se conscientizando acerca do uso do cartão de crédito.

Gráfico 18 – Acúmulo de Juros de Cartão de Crédito



A última questão consistiu em um cálculo básico sobre quanto tempo seria necessário para que um casal conseguisse levantar fundos, ou seja, quanto tempo seria necessário poupar para custear uma viagem, considerando suas rendas e suas despesas, que estavam descritas no corpo da questão.

Gráfico 19- Poupança Necessária para Custear um Objetivo



Nessa questão, 47% dos participantes erraram, um dado que não corrobora com as duas outras questões acima, considerando que se tratava apenas de um cálculo matemático simples.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho teve como principal objetivo verificar se a educação financeira promovida pelas mídias sociais, advindas da era da informação, estão de fato contribuindo de maneira significativa para educação financeira no Brasil. A partir dos resultados da pesquisa realizada, podemos inferir que, por mais que a era digital tenha sido benéfica no sentido de democratizar o acesso às informações, e tenha de fato contribuído para que cada vez mais a educação financeira seja disseminada no Brasil, de certa forma, ainda não é suficiente para sanar o problema da educação financeira no Brasil. Ao analisar os dados colhidos na pesquisa, podemos observar que a educação promovida pelas mídias sociais tem contribuído de forma positiva, porém ainda há muito espaço para o desenvolvimento do tema.

Tendo em vista os contextos históricos, sociais, políticos e econômicos do Brasil, a solução estaria em fomentar o ensino infantil com a obrigatoriedade da educação financeira. Além disso, é necessário haver um plano de ensino que considere os temas que envolvem a educação financeira, observando a maturidade de cada grupo de alunos, considerando a idade e os anos aos quais eles estão inseridos, para que, assim, eles assimilem essas informações necessárias.

O trabalho teve como algumas limitações, a disponibilidade de trabalhos e artigos acadêmicos que avaliassem a mudança ou eficácia das informações de educação financeira promovidas pelas mídias sociais, sendo assim um assunto que ainda pode ser muito explorado por trabalhos futuros. Ainda sobre a ótica da inclusão da educação financeira no currículo escolar nacional, há a necessidade de estudos, também para próximos trabalhos, sobre como deveria ser feita a inclusão da educação financeira nas escolas, começando pelo ensino fundamental, perdurando até o final do ensino médio, para que de fato, sejam preparados cidadãos prontos para assumir os seus compromissos financeiros.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fernando; CALIFE, Flavio. **A história não contada da Educação Financeira do Brasil**. Disponível em: <https://www.boavistaservicos.com.br/wp-content/uploads/2014/08/A-hist%C3%B3ria-n%C3%A3o-contada-da-educa%C3%A7%C3%A3o-financeira-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.

BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira** – ENEF, 2017, AEF Brasil. Disponível em: [https://www.vidaedinheiro.gov.br/?doing\\_wp\\_cron=1663550507.6555359363555908203125](https://www.vidaedinheiro.gov.br/?doing_wp_cron=1663550507.6555359363555908203125). Acesso em: 17 set. 2022.

DINIZ, Paula. Raio X do Investidor Brasileiro. ANBIMA, 5ª edição, abril de 2022. Disponível em: [https://www.anbima.com.br/data/files/D2/53/F2/3D/A5AB0810B5890B086B2BA2A8/Relatorio\\_5\\_edicao\\_do\\_Raio\\_X\\_do\\_Investidor\\_Brasileiro.pdf](https://www.anbima.com.br/data/files/D2/53/F2/3D/A5AB0810B5890B086B2BA2A8/Relatorio_5_edicao_do_Raio_X_do_Investidor_Brasileiro.pdf). Acesso em: 18 set. 2022.

IVO, Gabriela; CRUZ, Giogo; CHINELATO, Flávia; ZIVIANI, Fabrício. **A expansão do crédito no Brasil: uma ferramenta para o desenvolvimento socioeconômico**. Gestão & Regionalidade, Vol. 32, N. 95, maio/ago. 2016.

JAMIL, George; NEVES, Jorge. **A era da informação: considerações sobre o desenvolvimento das tecnologias da Informação**. Perspect. cienc. inf., Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 41 - 53, jan./jun. 2000.

LIMA, Larissa. **Educação financeira e mídias sociais: uma análise preliminar de conteúdo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciência Contábeis) - Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas, Universidade de Brasília. Brasília, 2021.

NASCIMENTO, Ana. **A educação financeira nas redes sociais e sua influência no perfil do novo investidor brasileiro**. Monografia (Ciências Contábeis) – Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Política, Economia e Negócios. Osasco, 2022.

PINORI, Bárbara. **Educação financeira e uso de mídias sociais: uma análise exploratória**. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Contábeis) - Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas, Universidade de Brasília. Brasília, 2021.

PORTUGAL, Gabriela. **Desenvolvimento e aprendizagem na infância**. In: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO.

QUINTELA, Rogerio; CABRAL, Sandro. **Um modelo espacial para análise e ensino de escolas de pensamento estratégico**. RAP, Rio de Janeiro, v. 40, n. 6., p. 1165-88, nov./dez. 2007.

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antônio Raimundo Pereira Medrado. -n. 15 (abr. 2021). – São Paulo: Edições Livro Alternativo, 2021. Disponível em: <http://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/60/54>. Acesso em: 17 set. 2022.

SANTOS, Barbara; MEZESES, Adriane; RODRIGUES, Chang. Finanças é assunto de criança? Uma proposta de educação financeira aos anos iniciais. BoEM, Joinvill, V. 4, N. 7, p. 101-115, ago./dez. 2016.

SAVOIA, José; SAITO, André; SANTANA, Flávia. **Paradigmas da educação financeira no Brasil**. Ver. Adm. Pública, v. 41, n. 6, dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2022

## APÊDICE A – FORMULÁRIO DO GOOGLE FORMS



### **Educação Financeira no Brasil: as ferramentas fornecidas da era da informação são suficientes para melhorar o quadro?**

Esse questionário é uma ferramenta e será utilizado para confecção do trabalho de conclusão de curso de Diego Magalhães Fonseca, graduando do curso de ciências contábeis da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Ludmila de Melo Souza, buscaremos identificar se as ferramentas disponíveis em decorrência da era da informação são suficientes para melhorar os níveis de educação financeira no Brasil.

E-mail: [d.fonseca051095@gmail.com](mailto:d.fonseca051095@gmail.com)

**1) Sexo**

- a) Masculino
- b) Feminino
- c) Outro

**2) Idade**

- a) Até 20 anos
- b) De 21 a 25 anos
- c) De 26 a 30 anos
- d) De 31 a 35 anos
- e) De 36 a 40 anos
- f) De 41 a 45 anos
- g) Acima de 46 anos

**3) Estado civil**

- a) Solteiro (a)
- b) Casado (a)/ União Estável
- c) Divorciado (a)
- d) Viúvo (a)

**4) Qual a sua faixa de renda mensal líquida?**

- a) Até R\$ 500
- b) De R\$ 500,00 até R\$ 1.000,00
- c) De R\$ 1.000,00 até R\$ 2.000,00
- d) De R\$ 2.000,00 até R\$ 3.000,00
- e) Acima de R\$ 3.000,00
- f) Não possuo renda

**5) Qual sua principal fonte de renda?**

- a) Estágio
- b) Emprego Formal
- c) Emprego Informal
- d) Mesada
- e) Não possuo renda

**6) Como você se planeja financeiramente?**

- a) Semanalmente
- b) Quinzenalmente
- c) Mensalmente
- d) Anualmente
- e) Não tenho planejamento

**7) Como você se sente a respeito dos seus conhecimentos para gerenciar seu próprio dinheiro?**

- a) Nada seguro – Eu gostaria de possuir um nível muito melhor de educação financeira.
- b) Não muito seguro – Eu gostaria de saber um pouco mais sobre finanças.
- c) Razoavelmente seguro – Eu conheço a maioria das coisas que eu precisaria saber sobre o assunto.
- d) Muito seguro – Eu possuo conhecimentos bastante amplos sobre finanças.

**8) Onde você adquiriu a maior parte dos seus conhecimentos para gerir dinheiro?**

- a) Em casa, com a família.
- b) Teve aula sobre o assunto no ensino fundamental.
- c) Teve aula sobre o assunto no ensino médio.
- d) Teve aula sobre o assunto no ensino superior.
- e) Por Livros ou revistas.
- f) Pelas redes sociais.
- g) Pela Televisão.
- h) Não tenho conhecimento.

**9) Muitas pessoas guardam dinheiro para despesas inesperadas. Se Lucas e Carol têm guardado algum dinheiro pensando em uma reserva de emergência, qual das seguintes modalidades de investimento seria a MENOS eficiente?**

- a) Poupança ou fundos de renda fixa com liquidez diária.
- b) Ações ou Fundos Imobiliários.
- c) Conta corrente que renda 100% do CDI.
- d) Bens (imóveis, carros, joias, terrenos...).

**10) Você tem controle sobre os seus gastos mensais?**

- a) Sim
- b) Não

**11) Caso tenha, qual a ferramenta de controle utilizada?**

- a) A memória.

- b) Extrato bancário.
- c) Planilha eletrônica.
- d) Cadernos/*Planners*.
- e) Aplicativos.
- f) Não controlo meus gastos.

**12) Você possui alguma modalidade de investimento?**

- a) Sim
- b) Não

**13) Se possui, em qual delas está a maior parte do seu capital investido?**

- a) Ações e/ou Fundos Imobiliários.
- b) CDB.
- c) Fundos de Investimentos.
- d) Poupança.
- e) Outros.

**14) Você se sente preparado para investir em modalidades de investimento de renda variável?**

- a) Sim
- b) Não
- c) Não sei o que é renda variável.

**15) Você já foi vítima, ou conhece alguém que foi, de golpes financeiros ou pirâmides financeiras que envolvessem investimentos?**

- a) Sim
- b) Não

**16) Jaqueline e Lucas têm a mesma idade. Aos 25 anos, Jaqueline começou a investir R\$ 1.000,00 por ano, enquanto Lucas não investia nada. Aos 50 anos de idade, Lucas notou que precisaria complementar a sua aposentadoria, então começou a aplicar R\$ 2.000,00 por ano, enquanto Jaqueline continuou a aplicar os mesmos R\$ 1.000,00. Agora os dois estão com 75 anos de idade, quem dispõe mais dinheiro para a aposentadoria?**

- a) Eles possuem o mesmo valor, já que, na prática, aplicaram o mesmo montante.
- b) Lucas, pois aplicou mais por ano.
- c) Jaqueline, pois, pelo fato de estar investindo há mais tempo, seu montante rendeu a juros compostos.

**17) Qual dos casais abaixo teriam mais dívidas, mesmo tendo o mesmo valor de fatura mensal de cartão de crédito, no período de um ano?**

- a) Raphael e Jane, que sempre pagam o cartão de maneira integral, antes do vencimento.
- b) Calebe e Luiza, que, sempre que podem, pagam o cartão de maneira integral, no vencimento, porém, em algumas ocasiões pagam somente o mínimo.
- c) Josué e Camila, que pagam, pelo menos, o mínimo todo mês, e um pouco a mais quando têm alguma folga no orçamento.
- d) Luiz e Rebecca, que sempre pagam o mínimo.

**18) Julia e Vinicius têm uma renda mensal de R\$ 5.000,00. Pagam R\$ 2.000,00 de aluguel, R\$ 1.000 de alimentação, gastam R\$ 500,00 com transporte, R\$ 300 com água e luz, R\$ 200,00 com internet e telefone, R\$ 300,00 com lazer e R\$ 200 reais com despesas diversas. Quanto tempo eles levarão, juntando dinheiro, para poder custear uma viagem à Disney, que custa aproximadamente R\$ 12.000,00?**

- a) 1 ano.
- b) 2 anos.
- c) 3 anos.
- d) 4 anos ou mais.

